

## A ERA DA CIZÂNIA – E DA BURRICE

Autor: Rômulo de Andrade Moreira- Procurador de Justiça no Ministério Público do Estado da Bahia e Professor de Direito Processual Penal na Faculdade de Direito da Universidade Salvador - UNIFACS.

Na edição deste mês de outubro (nº. 394), a Revista Super Interessante, da Editora Abril, traz uma excelente reportagem feita pelos jornalistas Eduardo Szklarz e Bruno Garattoni, que talvez explique, ao menos em parte, a ascensão de um fascista na política brasileira. Intitulada “A Era da Burrice”, a matéria inicia fazendo uma pergunta:

– “Você já teve a impressão de que as pessoas estão ficando mais burras?”

E os jornalistas respondem:

– “Talvez você esteja certo. Estudos feitos em vários países apontam que, sim, a inteligência humana começou a cair.”

Os autores buscam identificar em algumas atitudes contemporâneas o fenômeno do aumento da burrice no mundo. Por exemplo:

- 1) Discussões inúteis, intermináveis e agressivas;
- 2) Gente defendendo as maiores asneiras, e se orgulhando disso;
- 3) Pessoas perseguindo e ameaçando as outras;
- 4) Um tsunami infinito de informações falsas;
- 5) Líderes políticos imbecis.

E justificam o fenômeno arrasador: “*Estudos realizados com dezenas de milhares de pessoas, em vários países, revelam algo inédito e assustador: aparentemente, a inteligência humana começou a cair.*”

Citam, então, o antropólogo inglês Edward Dutton, autor de uma revisão analítica das principais pesquisas já feitas a respeito<sup>1</sup>: “*Há um declínio contínuo na pontuação de QI ao longo do tempo. E é um fenômeno real, não um simples desvio.*”

No Brasil, nada obstante não haver dados científicos a respeito do fenômeno, “os nossos indicadores são terríveis”, segundo os autores da reportagem. Para fazerem tal afirmação, levaram em consideração um estudo realizado este ano pelo Ibope Inteligência, que revelou o fato de “29% da população adulta ser analfabeta funcional, ou seja, não consegue ler sequer um cartaz ou um bilhete.”

Como, então, explicar “a aparente proliferação de burrice mesmo entre quem foi à escola?” Uma primeira explicação, altamente questionável, é dada pelo psicólogo

---

<sup>1</sup> “The negative Flynn Effect: A systematic literature review”, Ulster Institute for Social Research, 2016 (em coautoria com outros autores).

Michael Woodley, da Universidade de Umeå, na Suécia, segundo o qual “a capacidade cognitiva é fortemente influenciada pela genética. E as pessoas com altos níveis dela vêm tendo menos filhos.”

Ora, trata-se de uma teoria perigosíssima, pois, no passado, como lembram os autores da reportagem, “levou à eugenia, uma pseudociência que buscava o aprimoramento da raça humana por meio de reprodução seletiva e esterilização de indivíduos julgados incapazes. Esses horrores ficaram para trás e hoje ninguém proporia tentar ‘melhorar’ a sociedade obrigando os mais inteligentes a ter mais filhos – ou impedindo as demais pessoas de ter.”

Uma outra hipótese, esta desenvolvida, dentre outros, por Mark Bauerlein, Professor da Universidade Emory, nos Estados Unidos, e autor do livro “*The Dumbest Generation*”, ainda não lançado no Brasil, seria a de “que o salto tecnológico dos últimos 20 anos, que transformou nosso cotidiano, possa ter começado a afetar a inteligência humana.” Segundo o Professor americano, “hoje, crianças de 7 ou 8 anos já crescem com o celular”, justamente o período da vida em que “deveriam consolidar o hábito da leitura, para adquirir vocabulário.”

Ressalvando que não são luditas<sup>2</sup>, os jornalistas alertam que, efetivamente, “há indícios de que o uso de smartphones e tablets na infância já esteja causando efeitos negativos. Na Inglaterra, por exemplo, 28% das crianças da pré-escola (4 e 5 anos) não sabem se comunicar utilizando frases completas, no nível que seria normal para essa idade. Segundo educadores, isso se deve ao tempo que elas ficam na frente de TVs, tablets e smartphones. O problema é considerado tão grave que o governo anunciou um plano para reduzir esse índice pela metade até 2028 – e o banimento de smartphones nas escolas é uma das medidas em discussão.”

Uma terceira hipótese “é que o uso intensivo das redes sociais, que são projetadas para consumo rápido e consomem boa parte do tempo, esteja corroendo nossa capacidade de prestar atenção às coisas. Você já deve ter sentido isso: parece cada vez mais difícil ler um texto, ou até mesmo ver um vídeo do You Tube, até o final.”

Ora, “se prestamos menos atenção às coisas, elas obrigatoriamente têm de ser mais simples. E esse efeito se manifesta nos campos mais distintos, da música aos pronunciamentos políticos.” (grifei de propósito e para significar!).

No campo político esse fenômeno é bastante visível. Um estudo da Universidade Carnegie Mellon, também nos Estados Unidos, “constatou que os políticos americanos falam como crianças. A pesquisa analisou o vocabulário e a sintaxe de cinco candidatos à última eleição presidencial (Donald Trump, Hillary Clinton, Ted Cruz, Marco Rubio e Bernie Sanders), e constatou que seus pronunciamentos têm o nível verbal de uma criança de 11 a 13 anos. Os pesquisadores também analisaram os discursos de ex-

---

<sup>2</sup> O Ludismo foi um “Movimento operário inglês de protesto, que se desenvolveu no início do século XIX mediante a destruição de alguns tipos de máquinas industriais, que buscava alcançar melhorias salariais e frear a completa mecanização do ciclo de produção têxtil. O nome tem origem no lendário líder do movimento Nedd Ludd.” (BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco, Dicionário de Política, Volume II, Brasília: Editora UnB, 10ª. Edição, 1997, p. 722).

*presidentes americanos, e encontraram um declínio constante. Abraham Lincoln se expressava no mesmo nível de um adolescente de 16 anos. Ronald Reagan, 14. Obama e Clinton, 13. Trump, 11 (o lanterna é George W. Bush, com vocabulário de criança de 10 anos).”*

Evidentemente que esta constatação não significa, necessariamente – e isso seria algo por demais reducionista – que os políticos estão ficando, ao longo do tempo, burros. Não! O que ocorre, na verdade, segundo Szklarz e Garattoni, é que *“eles estão sendo pragmáticos, e adaptando suas mensagens ao que seu público consegue entender – e, principalmente, estamos dispostos a ouvir. Inclusive porque esse é outro pilar da burrice moderna: viver dentro de uma bolha que confirma as próprias crenças, e nunca mudar de opinião.”*

Trata-se, como eles próprios concluem, de um comportamento irracional.

Aqui, os jornalistas lembram de um fenômeno muito conhecido na psicologia: *“o viés de confirmação”*, consistente no fato de que uma pessoa irracional, nada obstante *“diante dos argumentos mais irrefutáveis”*, sempre mantém *“a própria opinião.”* É a velha tendência humana *“de abraçar informações que apoiam suas crenças, e rejeitar dados que as contradizem.”*

Este fenômeno da mente humana foi estudado pelo psicólogo americano, Kevin Dunbar, da Universidade de Stanford:

*“Há informações demais à nossa volta, e os neurônios precisam filtrá-las. Há até uma região cerebral, o córtex pré-frontal dorsolateral, cuja função é suprimir informações que a mente considere ‘indesejadas’. Tem mais: nosso cérebro libera uma descarga de dopamina, neurotransmissor ligado à sensação de prazer, quando recebemos informações que confirmam nossas crenças. Somos programados para não mudar de opinião. Mesmo que isso signifique acreditar em coisas que não são verdade.”*

Esta coisa da irracionalidade é tão séria que há quem defenda a tese de que a *“razão”* não exista mesmo, ao menos como a concebemos. Neste sentido, os cientistas cognitivos Hugo Mercier e Dan Sperber, de Harvard, no livro ainda inédito no Brasil, *“The Enigma of Reason”*, afirmam *“que a razão é relativa. Altera-se conforme o contexto, e sua grande utilidade é construir acordos sociais – custe o que custar.”*

Pois bem.

O que extrair dessa matéria? Ou o que dela concluir? Acho que ajuda a entender a ascensão fascista no Brasil. Assim, afora os verdadeiros fascistas (que comungam ou aceitam as ideias do fascista), há os burros e os irracionais. Parece-me ser assim que sucede. Desgraçadamente!